

CAPÍTULO VI – O SACRAMENTO DO MATRIMÔNIO

Quando despojados das coisas não essenciais, os argumentos da Religião Cristã ortodoxa podem ser resumidos conforme abaixo.

Primeiro: que tentados pelo demônio, nossos primeiros pais pecaram e foram exilados do estado anterior deles de bem-aventurança celestial, postos sob a lei, sujeitos à morte, ficando incapazes de se libertarem disso por seus próprios esforços.

Segundo: que Deus amou tanto o mundo que Ele enviou Cristo, Seu único Filho gerado, para a redenção do mundo e para estabelecer o Reino dos Céus. Assim, a morte será finalmente absorvida pela imortalidade.

Essa simples crença tem provocado o sorriso dos ateus e dos puramente intelectuais que estudaram filosofias transcendentais com suas sutilezas de lógica e argumentação; e até mesmo de alguns Estudantes dos Ensinamentos dos Mistérios Ocidentais.

Tal atitude mental é inteiramente gratuita. Deveríamos saber que os líderes divinos da humanidade não permitiriam que milhões de pessoas continuassem em erro por milênios. Quando os Ensinamentos dos Mistérios Ocidentais se despojam de suas explicações excessivas e das suas descrições detalhadas, e quando seus ensinamentos básicos são expostos, vemos que estão em exata concordância com os ensinamentos Cristãos ortodoxos.

Houve, sim, um tempo em que a humanidade vivia em um estado livre de pecado, quando a tristeza profunda, a dor e a morte eram desconhecidas. Nem o *tentador pessoal* do Cristianismo é um mito, pois podemos seguramente dizer que os Espíritos Lucíferos são os Anjos caídos, e a tentação que eles exercem na humanidade resultou na focalização da consciência do ser humano na fase material da existência, em que ele está sob a lei da decrepitude e da

morte. Igualmente verdadeira é a missão de Cristo no auxílio à humanidade, elevando-a a um estado mais etérico, em que a morte aqui não mais será necessária para livrá-la dos veículos que se tornaram muito pesados para uso futuro. O que temos agora é um “corpo de morte”, no qual só uma ínfima quantidade de material está realmente viva, visto que parte de seu volume é matéria nutriente que ainda não foi assimilada e a outra grande parte já está no caminho para ser eliminada, e somente entre esses dois polos é que pode ser encontrado o material que é totalmente vivificado pelo Espírito.

Em outros capítulos consideramos o Sacramento do Batismo e da Comunhão, Sacramentos esses que estão muito ligados ao Espírito. Procuremos, agora, compreender o lado mais profundo do Sacramento do Matrimônio, que tem a ver, particularmente com o corpo. Como os outros Sacramentos, a instituição do matrimônio teve seu começo e, também, terá seu fim. Seu início foi descrito por Cristo quando Ele disse: *“Não lestes que desde o princípio o Criador os fez homem e mulher?” e que disse: “Por isso o homem deixará pai e mãe e se unirá à sua mulher e os dois serão uma só carne?”* (Mt 19:4-6). Pelo que Ele indicou também o fim do matrimônio ao dizer: *“Com efeito, na ressurreição, nem eles se casam e nem elas se dão em casamento, mas são todos como os Anjos no céu.”* (Mt 22:30).

Sob essa luz, a lógica do ensinamento é evidente, pois o *matrimônio* se tornou necessário para que o *nascimento* pudesse proporcionar novos instrumentos para substituir os que foram desfeitos pela *morte*; e quando a morte for absorvida pela imortalidade e não houver necessidade de prover novos instrumentos, o matrimônio será, também, desnecessário.

A ciência, com admirável audácia, tem tentado resolver o mistério da fecundação e já desvendou como a invaginação¹ se processa dentro das

¹ N.T.: nesse caso, são os processos morfogênicos pelos quais um embrião toma forma, e é a etapa inicial de gastrulação, a enorme reorganização do embrião a partir de uma simples esfera de células, a blástula,

paredes do ovário; como o pequeno óvulo é formado na reclusão de sua cavidade escura; como emerge daí e entra na trompa de Falópio; como é penetrado pelo espermatozoide do macho e como o núcleo de um corpo humano se completa. Supõe-se que assim seja “a fonte e a origem da vida”! Mas a vida não tem começo e nem fim, e o que a ciência erradamente considera a fonte da vida é, na realidade, a fonte da morte, pois tudo que vem do útero está destinado, mais cedo ou mais tarde, a terminar no túmulo. A festa do *matrimônio*, que prepara para o *nascimento*, ao mesmo tempo provê o alimento para a insaciável garra da *morte*, e enquanto o matrimônio for necessário para a geração e o nascimento, a desintegração e a morte devem ser os resultados inevitáveis. Portanto, é de suma importância conhecer a história do matrimônio, suas leis e atividades envolvidas, a duração dessa instituição e como pode ser transcendida.

Quando obtivemos nossos Corpos Vitais na Época Hiperbórea, o Sol, a Lua e a Terra ainda estavam unidos e as forças solares-lunares permeavam cada ser em proporção igual, de maneira que todos eram capazes de perpetuar sua espécie por meio de brotos e esporos como fazem certas plantas atualmente. Os esforços do Corpo Vital para suavizar o Corpo Denso e conservá-lo vivo, em nada interferia nele e esses corpos primitivos, semelhantes à planta, viviam por muito tempo. Mas o ser humano era inconsciente e estacionário como uma planta; não fazia nenhum esforço, nem se empenhava nisso. O acréscimo de um Corpo de Desejos forneceu o incentivo e desejo, e a consciência resultou da luta entre o Corpo Vital, que constrói, e o Corpo de Desejos, que destrói o Corpo Denso.

Assim, a dissolução se tornou apenas uma questão de tempo, principalmente porque a energia construtiva do Corpo Vital foi também dividida, posto que uma parte ou polo foi usada nas funções vitais do corpo e a outra serviu para

em um organismo multicamadas, com camadas diferenciadas: endoderme, mesoderma e ectoderme. As invaginações mais localizadas também ocorrem mais tarde no desenvolvimento embrionário.

substituir o veículo destruído pela morte. Mas, como os dois polos de um ímã ou dínamo são necessários para a manifestação, assim também dois seres unissexuais se tornaram necessários para a geração; dessa forma, o matrimônio e o nascimento foram necessariamente instituídos para compensar o efeito da morte. *A morte, então, é o preço que pagamos pela consciência no mundo atual*; o matrimônio e os repetidos nascimentos são nossas armas contra a morte, até que a nossa constituição seja alterada e que nos tornemos como os Anjos.

Preste bastante atenção aqui: isso não quer dizer que vamos nos tornar Anjos, mas que vamos ser *como os Anjos*; eles são a humanidade do Período Lunar; eles pertencem a uma corrente de evolução totalmente diferente da nossa, tão diferente como os espíritos humanos o são dos animais atuais. São Paulo diz, em sua Epístola aos Hebreus, que o ser humano foi feito *por pouco tempo* inferior aos Anjos²; o ser humano desceu mais baixo na escala de materialidade durante o Período Terrestre, enquanto os Anjos nunca habitaram um globo mais denso que o Éter. Da mesma maneira que construímos nossos corpos com os constituintes químicos da Terra³, os Anjos constroem os seus corpos de Éter⁴. Essa substância é o caminho direto de todas as forças de vida, e quando o ser humano conseguir se tornar como os Anjos e aprender a construir seu corpo de Éter, naturalmente, não haverá mais morte e nem a necessidade do matrimônio para promover os nascimentos.

Porém, considerando o matrimônio sob outro ponto de vista, reconhecendo-o como uma união de almas, ao invés de uma união de sexos, entramos em contato com o maravilhoso mistério do Amor. Logicamente, a união dos sexos deve servir para perpetuar a Onda de Vida humana aqui, mas o verdadeiro matrimônio é também um companheirismo de almas que transcende o sexo

² N.T.: Hb 2:7

³ N.T.: Corpo Denso

⁴ N.T.: Corpo Vital

completamente. Aqueles que realmente forem capazes de encontrar esse elevado plano de intimidade espiritual, alegremente, oferecem seus corpos como sacrifícios vivos sobre o altar do *Amor ao Não Nascido*, atraindo amorosamente um Espírito que está esperando para renascer em um corpo imaculadamente concebido. Assim, a humanidade poderá ser salva do reinado da morte.

Isso manifesta-se facilmente à compreensão tão logo consideremos a ação não áspera, nem severa nem violenta do Corpo Vital em contraste com o do Corpo de Desejos num período curto e repentino de raiva descontrolada, quando se diz que uma pessoa “perdeu o controle de si mesma”. Sob tais condições, os músculos se tornam tensos e a energia nervosa é gasta em grau suicida, de maneira que, depois de tal explosão, o Corpo Denso pode ficar prostrado, algumas vezes, por várias semanas. O mais árduo trabalho não traz a fadiga proporcionada por um período curto e repentino de raiva descontrolada; do mesmo modo, uma criança concebida sob paixão, sob as tendências cristalizantes da natureza do desejo terá, certamente, uma existência curta aqui, e é um fato lamentável que a *duração de vida* aqui seja, atualmente, quase um contrassenso; em vista da espantosa mortalidade infantil, devíamos chamá-la de *brevidade de existência*.

As tendências construtivas do Corpo Vital, que é o veículo do amor, não são tão facilmente consideradas, porém, essa observação prova que a satisfação prolonga a vida daquele que cultivava essa qualidade e, seguramente, podemos concluir que uma criança concebida sob condições de harmonia e amor tem uma maior possibilidade de ser bem-sucedida na vida do que aquela concebida sob condições de raiva, de embriaguez e de paixão.

De acordo com o Gênesis foi dito à mulher: “na dor darás à luz filhos”⁵ e sempre foi um delicado enigma para aqueles que comentam a Bíblia explicar

⁵ N.T.: Gn 3-16

que conexão lógica pode existir entre o ato de comer uma fruta e as dores do parto. Mas, quando compreendemos as castas referências da Bíblia ao ato de geração, a conexão é facilmente percebida. Enquanto uma mulher negra, que vive no interior da África, ou uma mulher índia, que ainda vive no seu ambiente natural – ambas possuidoras de corpos menos sensíveis – dão à luz e voltam logo aos seus trabalhos no campo, a mulher ocidental, que vive nas cidades ou nas vilas, tendo um corpo mais sensível e de temperamento mais nervoso, a cada ano que passa acha mais difícil desempenhar a tarefa da maternidade, embora auxiliada pelas melhores e mais sofisticadas ajudas científicas.

As razões que contribuem para isso são várias: em primeiro lugar, enquanto insistimos em selecionar os nossos cavalos e gado para a reprodução, enquanto insistirmos no pedigree dos nossos animais para que possamos obter a melhor linhagem – a fim de melhorar a espécie, promovendo corpos mais saudáveis, mais ativos –, não agimos com tanto cuidado com respeito à escolha de um pai ou uma mãe para nossos filhos. Unimo-nos por impulso e depois nos lastimamos e nos arrependemos, auxiliados por leis que tornam muito fácil entrar ou sair dos laços sagrados do Matrimônio. As palavras pronunciadas pelos padres, pastores ou juizes são tomadas como permissão para uma indulgência sem limites, como se qualquer lei feita pelo ser humano pudesse permitir a contravenção da lei de Deus. Enquanto os animais se cruzam somente em certas épocas do ano e a mãe não é molestada durante o período de gravidez, o mesmo não acontece com a Onda de Vida Humana.

Tendo em vista esses fatos, não é de estranhar que encontremos tanto medo da maternidade e já não é tempo de solucionar esse problema por meio de uma relação mais sã entre os cônjuges? A astrologia revelará o temperamento e as tendências de cada ser humano; ela capacitará duas pessoas a combinarem suas personalidades de tal maneira que uma vida de amor possa ser vivida, e indicará os períodos em que as linhas de força interplanetárias estão mais

propícias para um parto sem dor. Assim, a astrologia nos permite tirar das entranhas da natureza crianças nascidas do amor, capazes de viver longas vidas com excelente saúde. Finalmente, chegará o dia em que esses corpos serão feitos com tal perfeição em sua pureza etérica, que perdurarão do começo ao fim da próxima Era, tornando assim supérfluo o matrimônio.

Mas, se nós podemos amar agora, quando nos vemos um ao outro “obscuramente, como por espelho”, através da máscara da personalidade e do véu da incompreensão, então mais convictos estaremos de que o amor da alma para alma, purificado da paixão no crisol do sofrimento, será nossa joia mais preciosa e brilhante no céu, assim como o peso de sua sombra está agora na Terra.